

RICARDO OHARA
O Homem Sem Rosto
3ª Edição

Dedico este trabalho àquela que me ensinou a dar os primeiros passos, encontrar o meu caminho, compreender e justificar a minha existência: a minha mãe.

Heliseu acabara de chegar do enterro de sua mãe. Não aceitava a sua morte. Para ele só existia um culpado por tudo de ruim que havia acontecido em suas vidas: o seu pai Pedro Paulo.

Desde os seus oito anos de idade, Heliseu passou a morar com a sua tia Suzana. O seu pai se envolveu com jogos e perdeu totalmente o controle de tudo. Os negócios e os investimentos foram afetados, levando-o a falência e causando a destruição da sua própria família.

Ivete, a mãe do Heliseu, ao tomar conhecimento de que estavam totalmente arruinados, ficou completamente perturbada. Foi internada em um sanatório. Nunca mais se recuperou do choque.

Heliseu sempre visitava a mãe no sanatório. E foi em uma de suas visitas que ele recebeu a triste notícia de que ela, acometida por uma crise depressiva muito profunda, havia se suicidado.

Suzana cuidou do sobrinho com muito amor, como se ele fosse o seu próprio filho, pois ela sabia que jamais poderia gerar um, era estéril.

- Heliseu! Eu posso entrar um pouquinho? Meu filho, você não pode ficar sem colocar nada no estômago, precisa se alimentar. Posso entrar? Olha! Eu trouxe um sanduíche e um suco de laranja. Está uma delícia. Abra a porta, meu querido! – insistiu a tia.

Heliseu se levantou da cama desanimado e abriu a porta. Deu às costas para a tia e jogou-se novamente na cama.

- Não adianta ficar assim, meu filho. A sua mãe tinha problemas. Ficar desse jeito não vai trazê-la de volta. Você tem que reagir. Tem que lutar.
- Por que tinha que ser desse jeito, tia?
- Eu sei que é difícil de aceitar. Mas chegou a hora dela partir. Infelizmente, foi desse jeito.
- Poderia ter sido de um modo diferente. Por que ele deixou que tudo isso acontecesse?
- Ele quem?
- A Senhora sabe muito bem de quem eu estou falando. Por favor, tia, não faça com que eu me sinta um idiota.
- Não adianta ficar revirando o passado. Tudo aconteceu há tantos anos. Ficar assim, não vai mudar nada. E lembrar o que já passou, só vai lhe trazer mais sofrimentos.
- Realmente não vai mudar nada. Mas as cicatrizes ficaram, tia.

- Você fala de um jeito que me assusta. Parece até a sua mãe falando.
- Eu tinha que puxar a ela. Afinal, ela não é a minha mãe?
- Eu sei disso, meu querido. Mas você tem que deixar fluir as coisas boas que estão dentro de você. E eu sei que são muitas. Eu lhe conheço, Heliseu. Eu o vi crescer. Tornar-se um homem.
- Eu sei, tia. Eu nunca vou esquecer o que a Senhora fez por nós dois.
- Vocês são o meu sangue. Como eu poderia dar as costas para a minha própria irmã e o meu sobrinho?
- Eu lhe adoro.
- Eu também, querido. Você é o filho que eu não tive.
- Às vezes eu tenho dúvidas se sou essa pessoa tão maravilhosa que a Senhora fala.
- Claro que é. Deixa a tristeza um pouco de lado e coma o lanche que eu trouxe para você.
- Obrigado, tia. Mas eu gostaria de ficar um pouco sozinho.
- Tudo bem. Mas se você precisar de alguma coisa, é só chamar.
- Pode deixar.

Enquanto Suzana ainda estava na sala, o telefone tocou.

- Alô!
- Suzana! É a Márcia.
- Oi!

- Eu soube do falecimento da Ivete. Infelizmente, eu não pude comparecer ao funeral. Eu tive que viajar a trabalho. A minha mãe me contou por telefone.
- Não tem importância, minha querida.
- Como estão as coisas por aí?
- Complicadas. Heliseu está muito traumatizado. Ele não aceita a forma que a mãe morreu. Isso está me preocupando muito, Márcia.
- Não se preocupa, ele vai superar isso. Vai passar. E você?
- Apesar de tudo, eu estou indo bem. O que mais me preocupa é o Heliseu. Eu tenho medo que ele tenha herdado esses desajustes da mãe.
- Não pense besteiras! Heliseu sempre foi um rapaz muito equilibrado. Você soube educá-lo muito bem. Se tivesse sido criado pelos pais...
- Eu sempre procurei dar de tudo a ele. Eu sempre me esforcei para compensar a falta que ele sentia dos pais. Mas hoje, eu vejo que não foi o suficiente. Afinal, ninguém substitui a mãe, não é?
- O Pedro Paulo e a Ivete jamais teriam feito o que você fez. Nós duas sabemos muito bem disso.
- Eu tenho muita pena do Pedro Paulo.
- Você tem notícias dele?
- Não sei se mora ainda no mesmo lugar. Nunca mais tive notícias dele.
- Ele ficou sem nada mesmo?

- Ficou.
- Heliseu pergunta sobre ele?
- Joga toda a culpa sobre o coitado. Não o perdoa de jeito algum.
- Mas você nunca contou para ele?
- Contar o quê?
- Tudo.
- Não. Ele já sofreu demais. Se tiver de saber de alguma coisa, não será pela minha boca.
- Assim que eu chegar de viagem eu vou lhe fazer uma visita. Nós precisamos conversar mais. Tire essas idéias malucas da cabeça. Tchau!
- Tchau!

Suzana desligou o telefone e quando se virou, deparou-se com Heliseu.

- Ah! Você estava aí?
- Eu resolvi dar uma volta, tia. Com quem a Senhora estava falando?
- Com a Márcia. Por quê?
- Nada.
- Você estava tão quietinho que eu cheguei a me assustar. Você estava aí há muito tempo? – perguntou Suzana, meio desconsertada, procurando saber se o sobrinho havia escutado a sua conversa.
- Eu não vou demorar – disse ele, alheio às desconfianças da tia.

- Você vai aonde? Quer que eu vá com você?
- Não, tia. Eu estou precisando ficar um pouco sozinho.

Heliseu parou o carro perto de uma praia. Tirou a camisa e os tênis. Jogou-os dentro do carro e começou a caminhar pela areia completamente perdido com os seus pensamentos.

Logo à frente, ele avistou uma grande árvore, que servia de sombra para um casal que brincava com um garotinho, fazendo desenhos na areia. Heliseu suspirou fundo e continuou a sua caminhada.

Mais adiante, ele se sentou sobre uma pedra e ficou olhando para o mar, observando as ondas que vinham com grande velocidade e se chocavam com as pedras, provocando uma explosão espumante.

- Está curtindo o balanço das ondas, irmãozinho?
- O quê?
- Qual é, meu irmão, tá no mundo da lua? Aqui é a terra. Já sei, tá ligadão?
- Não é isso. Eu só estou pensando um pouco na vida.
- Posso me sentar perto de você?
- Pode. Meu nome é Heliseu. E o seu?
- Zaca. Você também gosta de ficar olhando o balanço das ondas?
- Gosto. Eu fico fascinado. Elas não se agarram a coisa alguma.
- Eu também gosto muito do mar. Adoro dar uns mergulhos e pegar ondas.

- Você mora aqui por perto? – perguntou Heliseu, desconfiado.
- Moro. Quer dar uma chegada lá?
- Não! Não! Hoje não vai dar. Quem sabe outro dia.
- Por que não, irmãozinho? Tá com medo? Deixa disso, eu sou do bem. Não precisa ficar desconfiado.
- Outro dia.
- Valeu, então. A gente se esbarra por aí.
- A gente se esbarra por aí.

Chegando a sua casa. Heliseu não encontrou Suzana. Como estava todo sujo da areia da praia, ele foi direto para o banheiro para tomar uma ducha. Enquanto se secava, olhou para o espelho e pensou em voz alta: - Que cara estranho! Será? Só comigo que acontecem essas coisas.

Ele se deitou na cama e fechou os olhos, tentando fugir da imagem do funeral de sua mãe: toda aquela gente de preto, o cheiro excessivo das flores, os choros... Tudo isso rodava como um filme em sua cabeça. Mas o cansaço foi encobrindo as lembranças daquele dia fúnebre e ele adormeceu.

- Sua vadia! Cadela!
- Não me ofenda, Pedro Paulo. Você não tem moral para me acusar de alguma coisa. Você é um fraco. Um banana!
- Você sugou toda a minha força. Eu não sei como caí na besteira de me casar com você. Você não presta!
- Eu que deveria estar falando isso. Como eu pude me casar com um homem derrotado como você? Você nunca tem

tempo para a sua família. Não dá o mínimo de atenção para o próprio filho.

- Acho bom você parar Ivete, senão...
- Senão o quê?
- Eu lhe arrebento.
- Você tem que ser muito macho para fazer isso. Coisa que você não é. Nega fogo até na cama.

Pedro Paulo não suportou mais ouvir as ofensas da mulher e avançou sobre ela. Ivete também não deixou por menos, revidou todas as agressões sofridas com tapas, socos e pontapés.

Heliseu ouvia toda a discussão do seu quarto. Os seus sentimentos eram ambíguos. Em um determinado momento ele sentia a vontade de entrar no quarto dos pais e mandar parar com a briga. Em outro, sentia uma enorme vontade de sumir daquela casa e nunca mais voltar.

Um grito de desespero, então, ecoou por toda a casa. Um “não” explodiu da garganta do menino como um vulcão em erupção.

- O que foi isso, meu filho? – perguntou Suzana, entrando assustada no quarto do rapaz.
- Foi horrível, tia.
- O que aconteceu?
- Eu não sei – respondeu ele com a voz trêmula e cansada.
- Qual a razão desses gritos, Heliseu?
- Gritos?

- É. Eu estava entrando a casa e ouvi você gritando. Eu pensei que estava acontecendo alguma coisa com você.
- Eu acho que tive um sonho ruim. Foi só isso, tia. Um sonho ruim.
- Calma, querido. Você está muito abalado com tudo que aconteceu. Vê se descansa um pouco. Quer um calmante?
- Não, tia. Eu não gosto de tomar essas coisas.
- Mas que sonho foi esse que deixou você tão desesperado? Você consegue se lembrar?
- Eu não me lembro de ter sonhado com eles antes?
- Eles? De quem você está falando?
- Dos meus pais.
- Você sonhou com eles?
- Eu não consigo me lembrar do rosto dele.
- De quem você está falando?
- Do meu pai, tia. É tudo tão obscuro para mim.
- Você já era bem grandinho quando veio morar comigo, Heliseu. Você já tinha oito anos. Como pode não lembrar do rosto do seu pai?
- Eu sei disso, tia. Mas às vezes eu tenho a sensação de que as minhas lembranças estão trancadas dentro de mim. E eu não sei onde está chave.
- Tudo isso vai passar. Fica calmo.
- A Senhora o conheceu bem?
- Mais ou menos. Na época, quando a sua mãe o conheceu, eu estava viajando. Mas assim que marcaram a data do

casamento, eu vim para o Brasil para assistir à cerimônia. Fiquei alguns meses e depois retornei para a Europa.

- O que ele fazia?
- Ele tinha vários negócios: investimentos em imóveis, empresas no ramo de exportação e importação... Chega! Eu não gosto de falar sobre isso. Eu não entendo como uma pessoa tão sensível como o Pedro Paulo acabou desse jeito. Ele pintava quadros lindíssimos.
- Ele era um artista?
- Amador. Pintar era o seu *hobby*. Deixava todos de queixos caídos.
- Eu não consigo entender...
- O quê?- perguntou Suzana, acariciando os cabelos do sobrinho.
- Por que eu não me lembro dele? Da nossa casa?
- O que importa isso agora? Um dia você vai se lembrar. Você fica muito tenso quando começa com todas essas perguntas, querendo se lembrar da sua infância, do seu pai. Eu vou preparar um chazinho para você relaxar.
- Não precisa, tia. Eu já estou bem.
- Tem certeza?
- Tenho. Já passou. Foi só um susto.
- Posso ficar tranquila?
- Pode.
- Não vai querer mesmo o chá?
- Não.

- Então, deixa-me guardar as compras.

Suzana ficou muito preocupada com o estado emocional do Heliseu. Sentia-se incapacitada para ajudá-lo. A morte da Ivete o deixara muito fragilizado.

A campainha da porta tocou, despertando-a de suas preocupações.

- Verônica!
- Oi! O Heliseu está?
- Está sim, minha filha.
- Ele está mais calmo?
- Mais ou menos. Eu o deixei descansando no quarto.
- Que barra!
- É. Afinal, nós estamos aqui só de passagem, não é?
- Será que ele está dormindo?
- Acho que não. Deve estar apenas descansando.
- Eu vou até lá. Posso?
- Claro.
- Com licença.

Verônica seguiu pelo corredor até o quarto do Heliseu. Abriu a porta cuidadosamente, sentou-se na cama sem provocar um só ruído e o beijou. Heliseu despertou e abraçou-a fortemente, quase lhe tirando o fôlego.

- Ainda bem que você está aqui comigo!
- O que foi?
- Deixa-me ficar assim, abraçadinho com você.
- Quer dar um volta?